

Sindicatos temem recessão na economia

JORNAL DO BRASIL
SÃO PAULO — As previsões pessimistas dos empresários sobre o futuro da economia, com a perspectiva de demissão em 23% em 1.097 empresas e crescimento de produção em apenas 39% do total de empresas, segundo pesquisa recente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), já estão provocando reação dos sindicalistas. Três dos mais importantes sindicatos paulistas — metalúrgicos de São Paulo e do ABC e bancários da capital — pretendem resistir às demissões e incrementar políticas de geração de novos empregos como pautas obrigatórias e semanais

de suas diretorias. Esses sindicatos temem que as novas etapas do plano de estabilização venham acompanhadas de recessão.

Apenas na base do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC foram efetuadas 800 demissões em 10 empresas, três delas do setor de bens de capital, entre o final de janeiro e início de fevereiro. Os metalúrgicos da MWM, na capital, estão em greve contra o anúncio de 250 demissões entre um total de 2.800 trabalhadores, segundo o vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Paulo Roberto Pereira da Silva, o Paulinho. Para os ban-

cários, o maior problema é a terceirização.

A Força Sindical quer vincular a discussão da manutenção das alíquotas reduzidas de ICMS e IPI dos automóveis ao crescimento proporcional entre produção e emprego, de três para um. Ou seja, um incremento de 1% no nível de emprego do setor automobilístico para 3% de aumento na produção. Essa proposta será levada pela Força Sindical para a reunião com o governador Luiz Antônio Fleury Filho, amanhã, no Palácio dos Bandeirantes. A CUT estará presente no mesmo encontro e com a mesma idéia.

Outra preocupação de Vicentino é com o segmento de bens de capital. Quase um terço das 800 demissões realizadas no ABC entre janeiro e fevereiro foi neste setor. Nossa avaliação é que o plano do ministro Fernando Henrique vai provocar nova fase de recessão na economia, pois sua viabilização dependerá de altas taxas de juros, levando as empresas a deixarem o dinheiro no sistema financeiro ao invés de comprarem uma máquina nova”, pondera Carlos Alberto Grana, secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.